

## Tipo de parto não influencia a vida sexual da mulher, diz estudo

CLÁUDIA COLLUCCI | DE SÃO PAULO | 23/04/2015 02h05

O tipo de parto influencia na sexualidade da mulher após o nascimento do bebê? Um novo estudo da USP que acompanhou 831 mães por quase dois anos diz que não.

O trabalho avaliou partos normais (com ou sem cortes) e cesáreas e derruba o mito de que, por preservar a região genital, a cesariana favorece a retomada da vida sexual.

"No Brasil é comum essa conversa de que o parto normal estraga o 'playground' do marido. A pesquisa mostra que a cesárea não traz nenhuma vantagem, não traz nenhuma proteção", afirma a médica Simone Diniz, professora do departamento de saúde materno-infantil da USP.

O estudo, publicado no periódico "Journal of Sexual Medicine", também gerou controvérsias entre as ativistas do parto humanizado ao apontar que a episiotomia (corte na região que fica entre a vagina e o ânus) não traz impacto à sexualidade.

"Mulheres submetidas a episiotomias relatam dor por anos. É difícil pensar em uma vida sexual plena sentindo dor", afirma a obstetrix Ana Cristina Duarte, coordenadora do Gama (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa).

Para o ginecologista Alexandre Faisal-Cury, pesquisador do Departamento de Saúde Preventiva da USP e autor principal do estudo, a episiotomia pode trazer algum impacto logo após o parto, mas isso tende a melhorar após os seis meses –as mulheres foram avaliadas entre seis e 18 meses após o parto.

A mesma opinião tem o médico obstetra Jorge Kuhn, defensor do parto normal sem episiotomia. "Após os seis meses, a maioria já se recuperou [da episiotomia]. Mas há casos em que a dor pode persistir por anos", afirma.

Isso depende, entre outros fatores, do tipo de corte sofrido durante o parto. Os que envolvem lacerações profundas da musculatura vaginal ou que atingem a região anal tendem a ter uma recuperação mais difícil.

### LIMITAÇÕES

As mulheres que participaram da pesquisa tiveram seus filhos na rede pública de saúde de São Paulo. Tinham 25 anos, em média. As entrevistas aconteceram antes do parto e ao longo de 18 meses após o nascimento do bebê.

Quase um terço das entrevistadas (32%) foi submetida a cesáreas. Entre as que tiveram parto normal, 16% passaram por episiotomias.

Até três meses depois de o bebê nascer, só uma a cada cinco entrevistadas tinha retomado a vida sexual. "É perfeitamente normal haver um declínio nesse período, é uma fase de ajuste na vida do casal", afirma Faisal.

Depois dos seis meses, 87% das mulheres relataram desejo sexual, mas 21% se queixaram de que ele era inferior ao que sentiam antes da gravidez.

Para a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, a queixa é comum. "A libido, o afeto e a atenção da mulher ficam direcionadas para o bebê."

Para o autor da pesquisa, tanto o desejo quanto o prazer feminino após a maternidade podem ser influenciados por outros fatores, como imagem corporal, saúde mental e situação do casamento.

O trabalho tem algumas limitações, como não ter questionado sobre a sexualidade antes da gravidez. "Se elas já tinham uma vida sexual ruim antes, continuará ruim depois do bebê", pondera Carmita

Também há a hipótese de que muitas mulheres não se sintam confortáveis em falar de sexo, o que comprometeria os resultados. "Sexualidade ainda é tabu", diz Kuhn.